

ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU
EDIÇÃO Nº14, JUNHO DE 2006 - ANO 4



PORÃO DO ROCK 2006

E MAIS: X-MEN 3

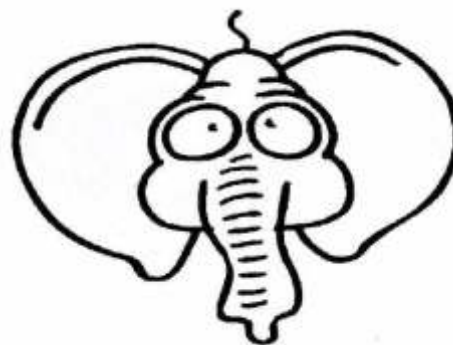
O vocalista da banda goiana Johnny Suxxx n' the Fucking Boys citou uma frase que virou moda na terra dele: "sou goiano e foda-se". Parece até que ela foi elaborada especialmente para o brasiliense ouvir, uma vez que ser goiano ou ter sotaque de lá não é exatamente bem visto na minha terra. Todas as gozações são destinadas para as pessoas que nascem no grande e velho Goiás, e ficam ainda maiores quando falamos da capital do Estado. É puro preconceito e deboche, mas é a realidade. Por isso a frase parece uma resposta digna. Em mais palavras ela quer dizer: "eu sou o que sou e se você não gosta o problema é seu porque eu estou muito bem".

Aproveito para utilizar a frase goiana e fazer uma versão. "Sou nerd e foda-se". Gosto de histórias em quadrinhos e de falar sobre elas por horas e horas. Adoro livros idiotas, seriados de TV e filmes ruins. Ouço muita música. Sou apaixonada pelos X-Men. Agora que você tem conhecimento dessas preferências típicas do que em terras estadunidenses seria considerado "coisas de perdedor", pode entender porque a edição que deveria ser especial ao maior festival de Brasília, não é exclusiva a ele.

O Porão do Rock merece e dá condições de ocupar todas as páginas desse fanzine, afinal são três dias onde é possível extrair dezenas de notícias, ou sobre o evento em si, ou sobre quem participa dele. Mas então eis que é lançado o terceiro filme da franquia dos X-Men uma semana antes e faz com que toda a exclusividade da edição fosse para o bebeléu. A empolgação e emoção em ver os mutantes na tela tomaram conta, e isso precisou ser colocado nessas páginas. O que não é um problema, não é mesmo? Afinal, rock é acima de tudo parte da cultura pop, na qual também pertence os quadrinhos. Sendo assim, os dois se aproximam. E como!

Se não fosse uma verdade, não teríamos tantas bandas brasileiras e estrangeiras que prestam homenagem a desenhos animados. Veja a Érika Martins e os Telecats. A cantora e compositora confessou que é uma referência a Josie e as Gatinhas. Normal para alguém cuja banda anterior era a Penélope (Charmosa, personagem do desenho Corrida Maluca). E o Iron Maiden, banda que o inglês Paul Di'Anno fez parte, inventou seu próprio personagem de desenho. Isso só para ficar com exemplos daqueles que participaram da edição 2006 do Porão.

X-Men é diversão que muitas vezes levo a sério um pouco demais. Cobrir o Porão do Rock, hoje, é um trabalho que se transforma em diversão em vários momentos. Coloque na balança e temos um equilíbrio. Se pra você não faz sentido, pra mim faz! Divirta-se.



ELEFANTE BU Nº 14

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

REVISÃO:

Daniela Casarotto

CAPA:

Érika Martins. Foto de Washington Ribeiro.

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

Daniela Casarotto, Washington Ribeiro, Everson Cordeiro, Marcos Pinheiro e todo o pessoal da Capital Comunicação, Georgiana Calimeris.

DISTRIBUIÇÃO:

De e-mail em e-mail.

E-MAIL E EDIÇÕES ANTERIORES:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Nouvelle Vague direto! É uma tranquilidade, sem falar que as versões ficaram bem bacanas. *Lucy*, *Volver*, é bem viciante. *A rainha das garotas más*, *Prot(o)*. *Float On*, *Modest Mouse*. Bastante *XTC* (eu sei que é brega, mas até que é gostosinho). *Lento* (e na seqüência, *Andar Conmigo*, claro!), *Julieta Venegas*. Só fui saber que *Lento* vai ganhar versão brazuca e pronto, deu vontade de escutar a *Julieta*. *Natalia y La Forquetina*, mas dessa vez foi para lamentar! *Cachorro Grande*. Peguei o disco novo e sabe como são essas novidades.

APOIO:



porãoweb.com.br

capa

PORÃO DO ROCK

Resumo dos três dias do festival

Érika Martins & Telecats

Luxúria

Volver

Ultraje a Rigor

Rollin' Chamas

Lucy and the Popsonics

Prot(o)

Titãs

bandas

Natalia y La Forquetina

mundo geek especial

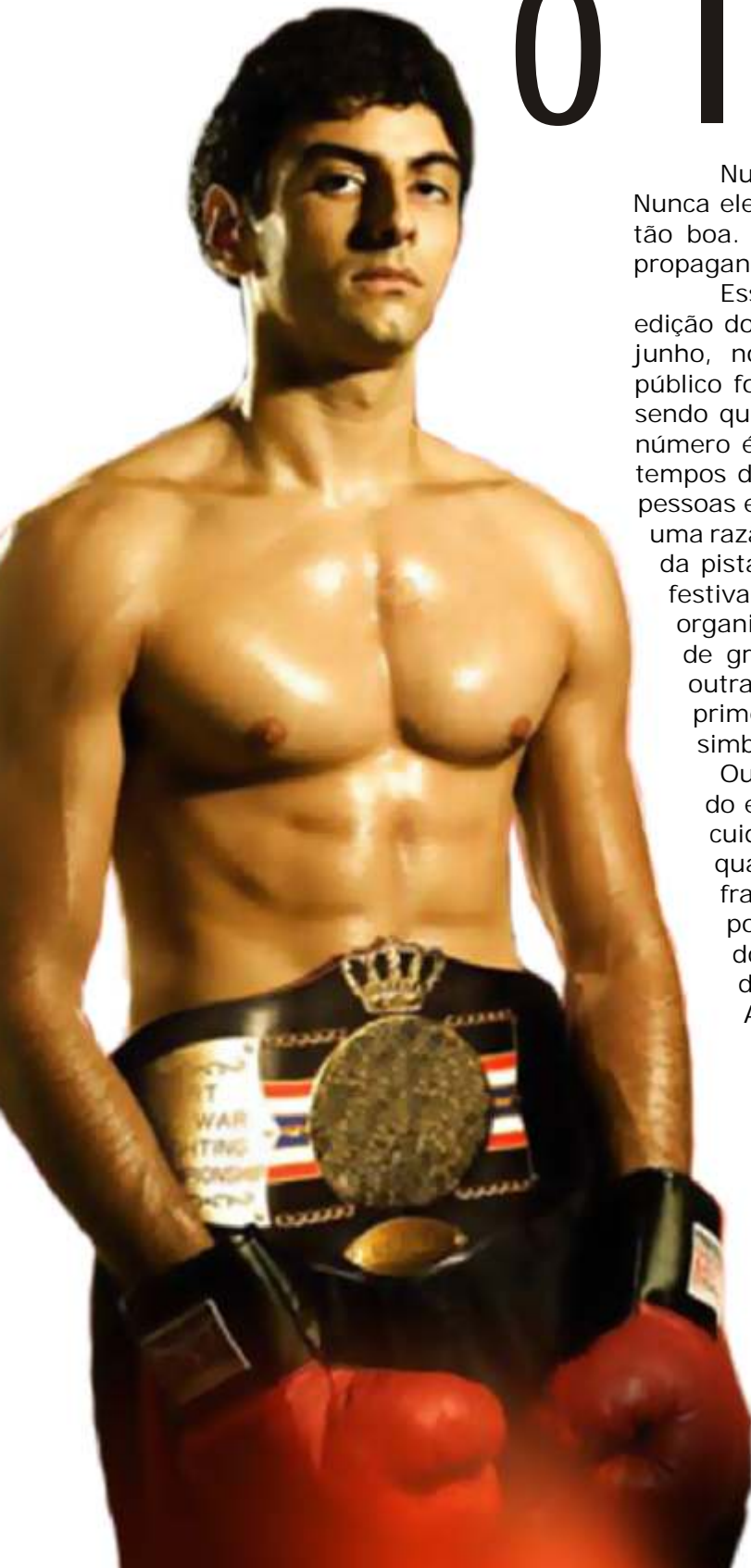
X-men 3 - The Last Stand

Referências dos quadrinhos

Jean Grey

FESTIVAL PORÃO DO ROCK 2006

o lutador



Nunca o festival Porão do Rock contou com tanto apoio. Nunca ele foi tão internacional. Nunca possuiu uma estrutura tão boa. Nunca ele foi tão organizado. Nunca se fez tanta propaganda. E nunca se viu tão pouca gente!

Esses foram alguns dos fatos que marcaram a nona edição do evento, realizado em Brasília nos dias 2, 3 e 4 de junho, no estacionamento do estádio Mané Garrincha. O público foi cerca de 45 mil pessoas somadas as três noites, sendo que o estimado era de 70 mil pelos organizadores. O número é frustrante, considerando que o Porão, mesmo em tempos das vacas magras, já chegou a atrair quase 100 mil pessoas em apenas uma edição. O preço no ingresso pode ser uma razão do relativo fracasso. O passaporte para os três dias da pista, por exemplo, custou R\$ 45. Quem preferiu ver o festival da área vip pagou R\$ 40 cada dia (meia entrada). A organização argumenta que o Porão é considerado o festival de grande porte mais barato se comparado com os de outras praças, mas é válido lembrar que a entrada das primeiras edições ou era gratuita ou de preço considerado simbólico.

Outros pontos que poderiam explicar o público abaixo do esperado foram as atrações. Apesar da seleção mais cuidadosa das bandas independentes, o que elevou a qualidade musical, os *headliners* foram considerados fracos. O Skank ainda está com a carreira em alta, porém o mesmo não se pode dizer do Ultraje a Rigor e dos Titãs, que atualmente contam mais com o prestígio do que com as aparições na mídia e venda de discos. As atrações internacionais também não ajudaram. O inglês Paul Di'Anno atrai apenas um público muito específico que é o do metal (considerado o mais fiel), enquanto que os sul-americanos Los Natas e Supersônicos são completos desconhecidos em terras brasileiras.

Por outro lado, quem esteve presente no festival só pôde reclamar mesmo foi do frio das madrugadas e dos costumeiros atrasos. A organização da edição de 2006 foi primorosa, com um bom número de banheiros químicos, uma boa praça de alimentação e boa segurança, comprovada na ausência de ocorrências policiais registradas. Os médicos e enfermeiros de plantão atenderam 88 pessoas na área médica, sendo a maioria por consumo excessivo de álcool ou/outras substâncias.

PRIMEIRO DIA

Everson Cordeiro

O primeiro dia do Festival Porão do Rock dedicado ao som das bandas mais pesadas de metal, punk-rock e hardcore começou com 1h40 de atraso devido a problemas técnicos na montagem dos equipamentos dos palcos. A banda de metal *Pherenesy* (DF) abriu a nona edição de um dos mais respeitados festivais de música independente do Brasil, tocando no palco Garagem. O quinteto candango fez os metaleiros balançarem a cabeça ao tocaram nove músicas em 30 minutos de apresentação. No final presenteou os *headbangers* com um cover da banda Pantera.

Terminada a apresentação da *Pherenesy*, já estava devidamente posicionada no palco ao lado, o Kabeça, a banda *Bruto* (DF), que mostrou seu metal protesto com a música "Votar Pra Quê", seguido do coro da platéia que pedia metal. A *Matanza* (RJ) fez um dos shows mais animados da noite. Com seu som que cruza country music com hardcore cantado em português forte e claro, teve uma participação empolgada do público. "Pena que o tempo para tocar é curto. Quase não suei, mas valeu muito, o festival é muito profissional", confessou o vocalista Jimmy Mc Dowel.

O quarto show da noite ficou com a banda *Maltrapilhos* (DF), com seu punk-rock. Fizeram uma apresentação com a personalidade de quem lança o primeiro CD, que contou com o reconhecimento de Rêdson, vocalista e guitarrista da banda *Cólera* (SP), primeira e maior influenciadora banda de punk-rock do Brasil. Rêdson tocou junto com os *Maltrapilhos* um clássico do The Clash, encerrando o show. Sem intervalos que viessem a irritar o público, a quinta a se apresentar na noite, a veterana *Lobotomia* (SP), foi logo mostrando seu hardcore-heavy metal, que agradou aos fãs que gritavam o nome da banda a cada música tocada. Em seguida a brasiliense de hard-rock, *Totem*, que vem se destacando na cena local, mostrou porque colocou duas faixas na coletânea Metal do Cerrado (GRV discos), e continuou a agitar a platéia metaleira.

O show seguinte, o sétimo da maratona de nove atrações, se tratava da esperada apresentação da primeira banda punk-rock do Brasil: o *Cólera*. Com 26 anos de estrada, turnês internacionais no currículo

e uma legião apaixonada de fãs de várias gerações, ela não decepcionou. Fez o show com maior participação do público que cantava e dançava na roda em frente ao palco. Com a mensagem que veio do Movimento Punk, "Faça você mesmo", tocou todos os clássicos que os fãs aguardavam: "Medo", "Salvem a Terra" e "Dia e Noite". "O cólera representa uma grande atitude musical de expressão do rock nacional. Um sentimento de indignação de ver as coisas erradas e não ficar calado", afirmou Rêdson.

Um dos shows mais esperados da noite, o da atração internacional *Paul di Anno* (ex-vocalista do Iron Maiden) começou com gritos de "Maiden" que o público proferiu. O cantor inglês começou cantando o clássico "Wrantchild". No show cantou músicas de seus trabalhos solo e o que o público mais queria ouvir: músicas dos dois primeiros discos do Iron Maiden, umas das maiores bandas de heavy metal de todos os tempos. Paul cantou "Killers", "Halloweed by my name", "Remember tomorrow", "Iron Maiden" junto com uma banda formada por músicos da cidade. No fim da apresentação um fã invadiu o palco e abraçou o ídolo inglês que tocou pela quarta vez em Brasília. Na coletiva, o vocalista disse gostar muito do Brasil e que considera os fãs brasileiros como amigos. "Gosto muito de futebol. Sou um corinthiano inglês", declarou anunciando que logo estará lançando seu novo disco no Brasil.

O penúltimo show da noite ficou por conta do power trio de trash-metal paulista *Tortute Squad*, tocando pela primeira vez no festival, cantaram suas músicas pesadas de seus cinco primeiros trabalhos. O show de encerramento da primeira noite do Porão do Rock, ficou por conta do trio Gaúcho de death-metal *Krisium*. Com fama no mercado estrangeiro, tocaram um público que não arredava pé do estacionamento do estádio Mané Garrincha numa madrugada fria. Às 3h o *Krisium* chamou ao palco o guitarrista do Sepultura, Andréas Kisser para tocar as quatro últimas músicas do show. As músicas ficaram ainda mais pesadas com o reforço de Andréas para o delírio da multidão metaleira.



Detonautas (foto Washington Ribeiro)

SEGUNDO DIA

A segunda noite do Porão do Rock começou com 40 minutos de atraso e muito devagar. Quando a dupla tecnorock de Brasília, *Lucy and the Popsonics*, subiu ao palco, se deparou com um público pequeno para os padrões do festival. Apesar de todo esforço da dupla, os gatos pingados não se manifestaram muito. A *Playground*, de São Paulo, com o som a modo Charlie Brown, é que começou a aquecer um pouco melhor o dia. Ainda que o som seja de fácil identificação com a molecada, tudo na banda soa plastificado, forçado. Tocaram ainda "Nós Vamos Invadir Sua Praia", numa versão de causar indisposição ao veterano Roger Moreira.

O bom rock'n'roll finalmente apareceu com *Johnny Suxxx n' the Fucking Boys*, de Goiânia. Letras em inglês e influência do glam rock, os goianos fizeram uma apresentação competente e fizeram por merecer a presença no festival após passarem por uma seletiva. Eles iniciaram uma seqüência de boas apresentações. Se por um lado o porão deste ano foi pobre de bandas com apelo popular, por outro ganhou muito na qualidade sonora. A atração seguinte foi a *Capotones*, de Brasília. Esse quarteto também saiu das seletivas do Festival. O show teve direito a guitarra com defeito, improvisado com música de Johnny Cash e muita pose. Foi dez.

A *Rollin'Chamas*, a segunda selecionada em Goiânia, chegou com os quatro integrantes fantasiados, mostrando a esculhambação total que marca a banda. Levaram ainda um quinto integrante, que na verdade é o churrasqueiro, mas que, impedido de colocar a sua carne no fogo em cima do palco (!) pelo Corpo de Bombeiros, precisou se contentar em tocar "air guitar" e participar dos vocais. Os goianos

fizeram rir e agradaram. Eles abriram passagem para a *Forgotten Boys* (SP), primeira atração de apelo popular e que fez o público incendiar. O que se viu foi uma apresentação limpa, sem firulas. Se não foi memorável, ao menos foi honesta com seu rock cru e direto.

A noite gelada foi um contraste com o show quente do *Luxúria* (SP), recém promovidos ao mainstream. Revelação do festival no ano passado, na edição de 2006 os integrantes tocaram para um público cativo que já sabia cantar as músicas e tinha "Ódio", na ponta da língua. As pessoas vibraram com a performance provocante de Meg Stock. A *Prot(o)* (DF), esfriou os ânimos atizados e dispersar o público. Bom para quem curte o rock, bem-feito e maduro do quarteto.

Coube ao veterano *Ultraje a Rigor* (SP) esquentar outra vez, e eles o fizeram com extrema competência. É o tipo da banda que entra com o público ganho devido à enxurrada de hits que já fazem parte da história da música brasileira. Mesmo assim os "tiozinhos" mostraram saúde e energia para poder levantar as cerca de 15 mil pessoas. Com uma apresentação tão memorável para a história do festival, ficou difícil para os gaúchos do *Walverdes* e para os brasilienses do *Bois de Gerião* manterem o pique. Apesar dos bons shows que ambos fizeram, o público foi se dispersando. Foi assim que o trio argentino *Los Natas* foram recebidos no festival. Mesmo assim, quem ouviu a banda adorou. A *Detonautas* encerrou a noite no Porão. Infelizmente esse foi o último show do guitarrista Rodrigo Netto, morto do dia seguinte ao show, vítima da violência urbana do Rio de Janeiro.

TERCEIRO DIA



Fotos: Washington Ribeiro

A última noite do Porão do Rock estava programada para ter início às 17h, mas uma hora depois do horário previsto o que se via eram os rodies ainda arrumando o palco e fazendo a passagem de som para o *Skank*. O grupo mineiro foi indiretamente responsável pelo atraso de mais de duas horas e pela inversão da ordem das bandas. *Érika Martins & Telecats* (RJ), que seria a segunda banda, foi obrigada a abrir o festival para um público ainda pequeno e disperso. O quarteto não desanimou e procurou, acima de tudo, se divertir. As músicas podiam ser outras e a postura de Érika já não é de menininha, mas a sonoridade da Telecats lembra muito a antiga Penélope. Terminado o show do quarteto carioca, houve mais demora para arrumar o palco para aquela que deveria abrir a noite: a brasiliense *Superaudio*. O show foi inexpressivo.

O que se seguiu no Porão foi um esfria-escueta sem fim. Esquentou com a *Volver*, banda pernambucana que faz rock gaúcho. Em sua terceira apresentação na cidade, a *Volver* ampliou o número de fãs a julgar pelo ótimo desempenho no palco. Eles tocaram o repertório do primeiro disco lançado pelo selo Senhor F e foram a maior revelação do Porão deste ano. Depois de um show empolgante, o público esfriou com *Haroldinho Mattos* (DF). Trata-se de um guitarrista da maior competência e talento, mas apreciar intermináveis solos de guitarra é coisa para pubs ou teatros, e não para um grande festival. O

público voltou a reagir, embora pouco, com *Los Tranqüilos* (DF), uma das bandas fundadoras do Porão do Rock. Melhor retorno teve o *Phonopop* (DF), e que fez um show competente, correto e cheio de hits locais.

Primeira *headline* da noite, os *Titãs* (SP) reclamaram do som do palco, da violência, do país, causando reações tímidas de cumplicidade com a platéia. O povão vibrou mesmo foi com os clássicos "Homem Primata", "Polícia", "Epitáfio", entre outros. Fizeram o seu papel. A *Capitão do Cerrado* (DF) precisou fazer o show olhando para o lado direito, porque as pessoas continuaram concentradas no palco ao lado para ver o *Skank*. Assim como os Titãs, os mineiros só precisaram fazer um show correto para satisfazer as cerca de 18 mil pessoas presentes no Estacionamento do Mané Garrincha. Samuel Rosa aproveitou para prestar homenagem ao guitarrista Rodrigo Netto, do *Detonautas*.

Encerrada a apresentação, boa parte do público foi embora espantada pelo frio de 12°C. Mas quem resistiu pôde apreciar o excelente e surpreendente show dos uruguaios *Supersônicos*, banda muito prestigiada na América do Sul, que conquistou em Brasília mais alguns fãs. Já era alta madrugada quando o *Cordel do Fogo Encantado* (PE) entrou para encerrar com competência o festival, e aquecer os sobreviventes de uma maratona de mais de oito horas de duração.

SALA DE IMPRENSA

Saiba das opiniões, idéias e novidades ditas por algumas das bandas que participaram da nona edição do Porão do Rock nas coletivas de imprensa realizadas após os shows.

ÉRIKA, VENEGAS E OS TELECATS

Érika Martins & Telecats

O disco de estréia de Érika Martins & Telecats vai ser lançado em breve e vai contar com a participação especialíssima de Julieta Venegas. Érika (ex-Penélope) fez versão em português do megahit latino *Lento*, da cantora mexicana. "A gente conheceu a Julieta por causa do Tom Capone. Ele me mostrou *Lento* e disse 'olha, essa música é a sua cara, você tem que ouvir e acho que você tinha de fazer uma versão'. Eu a escutei e me apaixonei na hora", disse Érika. "A Julieta veio para o Brasil coincidentemente na mesma época. Fomos apresentadas, e ela gravou junto com a gente. A Julieta cantou a parte em espanhol e eu em português. Essa música ficou muito bonita".

A produção do trabalho de estréia ficou por conta de Carlos Eduardo Miranda e de Contança Scofield (ex-Penélope). O disco será o primeiro a ser lançado pelo novo selo Toca do Bandido, e traz também outras participações especiais, como a de Gabriel Thomaz (Autoramas) tocando baixo e guitarra. Sobre o resultado final do disco, Érika foi direto ao ponto. "Ele está incrível. Eu sei que sou suspeita para falar, mas não estou nem aí. Está maravilhoso mesmo e era o disco que eu queria fazer".



Foto divulgação

EMOÇÃO NO RETORNO

Emoção foi a tônica do show da Luxúria no retorno ao festival que revelou a banda. Durante a coletiva de imprensa, os integrantes ainda estavam anestesiados pela ótima recepção do público brasiliense, e pela grande performance no palco. "Parece que tenho pé-quentes em Brasília porque tudo dá certo. A voz fica boa e a banda vai bem", disse a vocalista Meg Stock. "Realmente esse foi o festival mais importante de nossas vidas. Até então só tínhamos feito shows pequenos e para poucas pessoas. Pô velho, eu também estou emocionada pra caramba! Deu vontade de chorar lá em cima porque a gente vê que a Luxúria tem um caminho bacana daqui pra frente. E nós viemos de uma vida de muita batalha".

A performance da Luxúria no Porão do ano passado ganhou a mídia. Os integrantes não perderam a chance e assinaram contrato com a Sony/BMG para o lançamento do primeiro disco. A música "Ódio" virou hit nas rádios.

Luxúria



Foto: Washington Ribeiro

PERNAMBUCANOS GAÚCHOS

Volver



Foto divulgação

A Volver tem fama de ser a banda pernambucana mais gaúcha do país. Se não fosse pelo sotaque carregado, eles poderiam dizer que vieram do Rio Grande do Sul, e todo mundo acreditaria. "Acho que é por causa do visual e desses ternos", brincou o vocalista Bruno Solto. "É também por causa das influências que tem Frank Jorge e Júpiter Maçã. Em Recife não tem muito disso. Acho que só houve a banda de Reginaldo Rossi nos anos 60, e de lá pra cá não surgiu mais nenhum trabalho com essa inspiração. Se a gente se aproxima do rock gaúcho, é por causa das influências. Mas se nós fazemos rock gaúcho, então nós fizemos o melhor disco do gênero no ano passado".

Comemorando um show surpreendente, a Volver mostrou que também já conquistou fãs pela cidade depois de duas apresentações no Gates Pub. Além disso, o primeiro trabalho, *Canções perdidas num canto qualquer*, foi lançado pelo Senhor F Discos, de Brasília. Bruno confessou que estava nervoso antes do show no Porão porque a banda não pôde fazer uma passagem de som adequada. "Só passamos o som naquela meia horinha enquanto a banda anterior estava tocando, mas toda a equipe foi muito profissional e deixou tudo redondinho. Daí a gente se acalmou. É uma estrutura linda para um festival independente. Isso aqui é um achado".

São palavras de quem sabe do que está falando e de quem tem grande respeito pelos festivais independentes. A Volver mesma foi revelada por um, o Microfonia, realizado em Recife. Eles venceram o festival (que tem formato de concurso), que reuniu cerca de 400 novas bandas. "Acho que a maior vitrine para uma banda independente são os festivais. É legal ficar na sua cidade tocando em inferninhos, mas faz você demorar a aparecer. A gente, por exemplo, passou muito tempo tocando assim até que surgiu o Microfonia. A premiação em dinheiro fez com que a gente pudesse viabilizar a gravação do nosso primeiro disco, e também foi o passaporte para tocar no Abril Pro Rock do ano passado, que foi o primeiro grande festival que a gente participou".

NADA A DECLARAR

Ultraje a Rigor



Foto divulgação

Assim como a música, a coletiva de imprensa com o Ultraje a Rigor foi um grande "nada a declarar". Roger Moreira disse que não há nenhum lugar em que deseje tocar no país. Que não tocaria mais no Nordeste porque ele só viaja de ônibus ou carro e lá é muito longe de São Paulo. Também não há planos do Ultraje para lançar trabalhos inéditos. A reação do público no Porão foi semelhante a qualquer lugar que eles vão. E que eles fizeram poucos shows acústicos porque as pessoas disseram que eles estavam desanimados. "Mas nós não estávamos desanimados, só estávamos sentados", disse. A noite só foi especial mesmo para o baterista Bacalhau, um dos representantes da chamada 2ª onda do rock de Brasília. Para o músico, tocar em casa tem sempre um sabor especial, sobretudo no festival que sua antiga banda, a Rumbora, foi uma das fundadoras.

CHURRASCO GOIANO

Imagine assistir a um show onde a banda tem um churrasqueiro que assa uma carne durante a apresentação, e ainda serve as pessoas. Há também um sofá num canto com um vídeo-game para quem quiser se dispor. E como se isso não bastasse, os integrantes ainda vão ao palco com um figurino bizarro. Isso existe e quem faz tal show é a Rollin' Chamas, de Goiânia. Pena que não foi possível realizar tais zoeiras no Porão do Rock. O churrasco foi embargado pelo Corpo de Bombeiros e o vídeo-game tornou-se inviável num palco gigantesco e com o público distante. "Faltou o churrasco, mas a gente não tem nenhuma preocupação com isso. A gente se importa mesmo é com a sonoridade e no que vamos transmitir", disse o vocalista Fal Down. "O negócio é se pessoal vai receber a mensagem e retornar para gente com diversão. Se faltou o churrasco, para quem sabe, massa; para quem não sabe, entendeu a banda mesmo assim".

Os integrantes brincaram ao dizer que o churrasco ajuda a ganhar fãs pelo estômago e fizeram rir com poses e piadas nas canções. Chamam o sal de grande vilão dos malefícios da saúde, falam que vão matar a mulher que traiu com faca de pão e etc. São coisas que podem chamar mais atenção do que a música, mas a banda não teme isso. Fal Down acredita que o que vale é a atitude que os integrantes demonstram em cima do palco. "Até onde vai a piada tem um nível. Uma frase de efeito, uma piada até que ajudam, mas é a atitude que arrasta. Temos a onda da piada, mas a gente leva muito mais atitude".

Rollin' Chamas



Foto: Washington Ribeiro

MARKETING DE MAIS

Pode-se questionar a qualidade do som, as músicas muito semelhantes entre si, as letras "nada a ver". Mas o que não se pode colocar em dúvida é quanto a habilidade da dupla Lucy and the Popsonics em fazer propaganda de si mesmos. Nos bastidores, o que chamou atenção não foi o show, mas os pirulitos, os imãs de geladeira, e os CD-Rs contendo o material promocional de Fernanda e Pil Popsonic (a Lucy em questão é a base eletrônica). A vocalista e baixista Fernanda confessou que todas as caras e bocas, o jeito de se vestir e se portar, tudo é marketing. Ela considera que uma boa pose numa boa foto pode ajudá-los, por exemplo, a terem suas imagens nas páginas dos jornais e revistas.

Lucy and the Popsonics surgiu de repente no cenário de Brasília e logo conquistou fama e espaço. "Acho que a gente tocou nos lugares certos e na hora certa. O eletrorock veio pro Brasil com força e as pessoas ficaram interessadas quando descobriram que fazíamos isso", disse Fernanda. A dupla deve lançar um EP em breve na internet (pode-se encontrá-los no site da Trama Virtual) e também estão aguardando propostas de selos interessados em lançar um disco.

*nota: todas as comparações feitas com o Pato Fu a respeito da formação e da semelhança entre as Fernandas foram totalmente absurdas e inapropriadas. Lucy and the Popsonics tem que comer muito feijão pra chegar perto do que foi o Pato Fu na era 128 japs!

Lucy and the Popsonics



Foto divulgação

MARKETING DE MENOS*Prot(o)*

Foto divulgação

A Prot(o) é um caso a ser estudado. É difícil saber que banda é essa, se você desconhece a cena independente brasileira, ou local (no caso aqui, de Brasília). Mesmo para quem está inserido nesse universo, para conhecer e respeitar uma banda dali é necessário que o artista apareça, venda o seu peixe, porque o número de gente se espremendo por um espaço pequeno é bem maior. A Prot(o) é conhecida e respeitada no meio independente. A parte do caso a ser estudado é que os integrantes conseguiram essa proeza sem saber vender peixe algum. A estratégia de marketing do quarteto quase inexistente. “Isso porque aqui na banda tem três formados em Comunicação”, brincou Pinduca, vocalista e guitarrista.

A falta de um empresário é um dos motivos atribuídos por Pinduca pela falta de divulgação. Se existisse tal trabalho, era possível que a Prot(o) pudesse estar em outro patamar, uma vez que as canções são ótimas e melodiosas. “Quando se trabalha com uma banda, existem certas funções trabalhadas e difíceis de serem feitas, porém necessárias. E nós não somos muito de correr atrás dessas coisas. Tem uma banda que se divulga bem, que é o Ludov. Eles são mestres nesse negócio de promoção e marketing. Teve um dia que fui na casa

deles e me foi sugerido fazer camisetas para ajudar a promover o CD. Por um lado até que concordei, mas também me deu um orgulho danado da minha banda não ter camiseta. Acho que o lado bom de não ligar muito para o marketing é que você fica voltado todo para a sua música”.

No show do Porão, o quarteto aproveitou para apresentar as novas músicas que fazem parte do segundo CD da banda, a ser lançado em breve. Nele está uma versão de *A Rainha das Garotas Más*, da Divine, banda brasiliense já extinta. O disco é considerado pelos integrantes um marco do amadurecimento da Prot(o), que começou como um projeto solo de Pinduca em 93, mas a banda só foi montada em 99. O primeiro disco, de 2002, tinha algumas canções recentes, mas grande parte do material já tinha alguns anos. De acordo com Pinduca, a banda mudou muito desde sua formação e isso se refletiu no trabalho mais recente. “Fico lembrando de quando era mais jovem e gostava dos primeiros discos do Led Zepplin. E hoje, depois que envelheci, eu adoro o meio para o fim da carreira do Led Zepplin ou do meio para o fim da carreira de outros artistas. Gosto muito da fase amadurecida e acho que esse é o caso desse segundo disco”. Para ouvir três faixas acesse a página oficial da banda.

CONTRA A INÉRCIA

TITÃS

Se durante o show os Titãs criticaram o som, especialmente Paulo Miklos e Sérgio Britto, durante a coletiva de imprensa o quinteto reclamou de algo muito mais importante: a apatia do brasileiro diante dos numerosos casos de corrupção e violência no país. Perguntados se havia um gosto especial em tocar "Vossa Excelência" em Brasília, Tony Bellotto disse que sim e que procurou tocar alto para que toda a cidade pudesse escutar a música.

"Pelo menos a gente conseguiu se manifestar de uma maneira criativa, porque não queremos ser também panfletários. Se a música não ficar boa, então não adianta falar de um tema interessante que ela não teria entrado no repertório. Mas gostamos do resultado e ficamos orgulhosos da gente, como banda, ter se manifestado. Até porque fica difícil para artistas se manifestarem quando não se está contra uma ditadura ou um inimigo óbvio. Quando ela vem contra um governo que deveria ser democrático e de mudanças, essa questão fica mais difícil", disse Bellotto.

Charles Gavin foi mais enfático. Ele esperava mais das pessoas, que todos iniciassem uma marcha até o Congresso se fosse preciso. Mostrou também estar preocupado com a apatia que ele vê na população. "Chama atenção a falta de reação do povo em relação aos problemas que estamos falando aqui. A gente está congelado, anestesiado. Parece que não


adianta mais se manifestar ou brigar. Eu assisti do palco a Los Tranquillos. Vi eles metendo o pau nos políticos e as pessoas sem reações. Ninguém aplaudia ou vaiava".

Até um tema como pirataria na internet foi motivo para despejar inconformismo. Reclamar de mp3 é algo muito pequeno para Tony Bellotto, quando se está diante de um país afundado na miséria, na corrupção, no atraso e na falta de vontade política em tentar resolver esses problemas. "Falam que a economia vai bem, mas a miséria só está aumentando, e há uma violência desenfreada. A gente acabou de saber do músico do Detonautas que foi assassinado, e houve recentemente o caso dos ataques em São Paulo. Que país é esse afundado na miséria, na corrupção, no populismo?".

Sobrou até para a Ordem dos Músicos, entidade que segundo Gavin, deveria ser extinta porque sua única função é atrapalhar a vida do músico e enriquecer os que estão lá dentro. "Eu estou há 25 anos vivendo disso e não tenho uma carteira definitiva de músico. E mesmo tendo uma provisória, tenho que contribuir. Músicos populares, que lêem apenas cifras, não têm direito a carteira definitiva. Isso é algo que só beneficia os eruditos de universidades. Imagine, se Jimi Hendrix fosse brasileiro, ele não teria uma, assim como Jim Morrison e Bob Dylan".



ADIOS AMIGOS



Um comunicado oficial na página da banda mexicana Natalia y La Forquetina surpreendeu a mim e a muita gente da América Latina. Dizia o seguinte: "Depois de cinco anos trabalhando juntos, Natalia y La Forquetina se separam ao fim da turnê CASA 2006 para que as partes tomem caminhos distintos. A necessidade de experimentar e buscar novos caminhos musicais é o motivo para que se dê por terminado o trabalho como banda". É sempre um fato a se lamentar quando uma banda de qualidade acaba, seja lá por qual motivo for.

A La Forquetina começou quando Natalia Lafourcade convidou seus amigos para acompanhá-la na turnê de seu primeiro disco. A química funcionou tão bem que eles não eram vistos mais como "a cantora e os músicos acompanhantes", e sim como um grupo. No segundo semestre do ano passado lançaram *Casa*, um disco pop/alternativo espetacular. As apresentações ao vivo eram sempre vibrantes. Natalia (a principal compositora), embora exagerada nos vocais, era muito competente com a guitarra e o violão. O teclado de Yuno era virtuoso e melódico. Era ele o responsável pelos belos arranjos das canções e as programações. Alonso (bateria) e Chanona (baixo) faziam uma base segura para que Natalia e Yuno pudessem brincar com todos os barulhinhos que quisessem.

Realmente a separação é uma pena. Tomara que cada um possa encontrar um bom caminho em suas respectivas carreiras.

A black and white promotional image for the movie 'The Wolverine'. It features a close-up of Wolverine's three adamantium claws extended from his hand. The claws are sharp and metallic, set against a dark, textured background. In the background, a large, glowing 'X' logo is visible, which is the symbol of the X-Men. The overall lighting is dramatic, highlighting the sharp edges of the claws and the metallic sheen of the 'X' logo.

THE LAST STAND

A relação entre os mutantes e governo estava tranqüila até a descoberta da “cura”. Agora todos os mutantes de aparência bestial, fracos ou super-poderosos, tem a opção de se tornarem “normais”. A notícia criou uma divisão na população: há aqueles que querem se “curar”, e os que acreditam que não há nada de errado em ser mutante. Outros mais radicais, como Magneto (Ian Mckellen) afirmam que a vacina é apenas um pretexto do governo para eliminá-los. Enquanto isso, os X-Men precisam resolver questões da “cura” e do retorno de Jean Grey (Famke Janssen). Com Charles Xavier (Patrick Stewart), Wolverine (Hugh Jackman), Tempestade (Halle Berry), Colossus (Daniel Cudmore), Kitty Pryde (Ellen Page), Ciclope (James Marsden), Homem de Gelo (Shawn Ashmore) e Fera (Kelsen Grammer).

NEM TUDO SÃO FLORES NO REINO MUTANTE

Quando Bryan Singer assumiu a direção da franquia X-Men, dúvidas foram levantadas. Apesar da capacidade do diretor nunca ter sido colocada em questão, o que não se sabia era como fazer funcionar uma história complexa de 40 anos, cheia de reviravoltas, como era a saga dos mutantes. Bryan, que é um apaixonado por quadrinhos, não teve dúvidas. Trouxe para a equipe principal os personagens de maior relevância: professor Charles Xavier, Tempestade, Jean Grey, Wolverine, Vampira e Ciclope. O vilão só poderia ser Magneto, o maior e melhor de todos. Ele seria auxiliado pela sempre interessante Mística e outros secundários. O primeiro filme tinha caráter introdutório, e o então diretor preservou todos os elementos encontrados na era clássica dos mutantes desenvolvida por Chris Claremont e John Byrne.

São três linhas de pensamentos que norteiam os quadrinhos. Uma é do governo dividido entre eliminar a “ameaça” mutante ou construir uma política satisfatória para o *homo superior* e a população humana que não aceita o diferente. A segunda linha de pensamento é defendida por Charles Xavier e os X-Men, que acreditam e lutam pela coexistência. Por último temos Magneto, que acredita na supremacia mutante em detrimento ao *homo sapiens*. Todas essas questões foram discutidas em boas ações e diálogos concisos nos dois primeiros filmes. No segundo, em particular, Bryan adaptou o comovente “Deus Ama, o Homem Mata” e ainda aproveitou para fazer um prelúdio brilhante da Saga Fênix/Fênix Negra.

As coisas mudaram de figura na franquia mutante quando Bryan Singer foi obrigado a deixar os X-Men porque foi dirigido o novo Super-Homem e os produtores não admitiram atrasar em mais de um ano o último filme da trilogia. A solução foi a troca de diretor. Primeiro entrou Mathew Vaughn, que logo deixou o projeto alegando que não conseguiria entregar um filme descente dentro do prazo exigido pelo estúdio. Assumiu Brett Ratner, um inexpressivo diretor que, pela primeira vez, teria a oportunidade de ter em mãos um filme de grande orçamento.

E Ratner até que se esforçou. Ele tentou continuar a história do ponto que Bryan parou e até que poderia ter tido êxodo se não tivesse desprezado a fonte clássica ou os únicos bons autores que apareceram na era pós-Claremont/Byrne: Grant Morrison e Joss

Whedon. Ao invés disso, preferiu mostrar coisas deliberadas e situações inspiradas em títulos secundários e esquecíveis (é conhecido o fato que o diretor reescreveu 2/3 do roteiro)

Ratner povoou a tela com os mais variados mutantes, sendo que a maior parte é inexpressiva e só identificável pelos leitores. Com tanta gente se espremendo, só Wolverine, Magneto e Tempestade (e mesmo assim porque Halle Barry travou uma boa briga com os roteiristas em defesa de seu personagem) que não tiveram problemas em se sobressair. Esses três sobreviveram a uma história mal trabalhada e a uma enxurrada de diálogos rasos. Mas também não poderia se esperar muito de um samba do crioulo doido que se transformou X-Men 3. São três *plots* que se entrelaçam: a questão da “cura” dos mutantes, o problema Jean Grey, e o futuro do Instituto Xavier. Nenhum deles conseguiu ter um desenvolvimento satisfatório.

O primeiro assunto se resume a um “ou você está com eles, ou você está conosco”; o futuro do Instituto deve ficar para um quarto filme; e sobre Jean Grey... bom, aí as coisas são mais complicadas. Desde o fim de X2 que era anunciada a Saga Fênix como tema central da seqüência. E essa, não custa nada repetir, é a história mais importante da existência dos X-Men. Mas o que se viu de concreto na tela foi uma bobagem para justificar efeitos especiais. A Fênix não era mais o poder maior que corrompe Jean Grey. Ela virou a personalidade má de um mutante esquizofrênico ultra-poderoso. A essência da personagem simplesmente evaporou. Fez “puft”, igual aqueles que ela matou na tela. Nesse sentido, de fato não havia razão para dar corpo a águia de fogo, que é a identidade visual mais marcante dela (você lembra do fogo que envolve Jean antes de morrer em X2? Pois então! Ele sequer foi visto no terceiro). A Fênix, que os leitores conhecem tão bem, não existiu. Talvez ela ainda esteja dentro de um casulo no fundo do lago, e que essa da tela era na verdade um clone mal-acabado. A frustração, nesse ponto, foi geral.

X-Men 3 não é um filme ruim. Tem efeitos especiais de babar e ação atrás de ação. Para quem gosta só da “porrada” e não sabe nada da história dos mutantes, é ótimo. Mas, por outro lado, ele é o pior da trilogia! Um desfecho pouco digno de um início brilhante feito por Bryan Singer. É também um chá broxante para os leitores de longa data que amam a saga dos X-Men.

VERDADES, MENTIRAS E REFERÊNCIAS

(Contém Spoilers)

Djenane Arraes

Colaboração de Leonardo de Moura

- Cain Marko, ou o Fanático, não é um mutante como é mostrado no filme. E ele não usa capacete porque acha bonito. A verdade é que Marko é um humano que ganhou força descomunal por causa de um cristal místico e ele usa capacete para que seu meio-irmão, Charles Xavier, ou qualquer outro mutante telepático não consiga derrotá-lo com um ataque psíquico, o seu único ponto fraco.

- Callisto não tem super-velocidade como mostrado no filme. Ela é a líder de um grupo de mutantes considerados bestiais chamado Morlocks. Eles vivem nos esgotos escondidos da civilização porque jamais poderiam passar despercebidos nas ruas. Seu confronto com Tempestade é uma referência a luta até a morte que as duas travaram pela liderança dos Morlocks na era clássica.

- Jean Grey não tem dupla personalidade e nem é esquizofrênica. No filme diz que o professor Xavier colocou bloqueios em seus poderes que já eram enormes quando criança. Mas a verdade é que o professor colocou bloqueios apenas em sua telepatia. (mais sobre Jean nas páginas seguintes).

- O personagem esquizofrênico mais conhecido no mundo mutante foi Legião, filho de Charles Xavier.

- O "arremesso especial", onde Colossus jogava Wolverine para longe, é uma referência direta dos quadrinhos e aconteceu em várias edições.

- Henry McCoy, ou Fera, nunca trabalhou como "secretário de questões mutantes" para o governo. Ele, na verdade, é um doutor geneticista dos mais gabaritados.

- Mística nunca foi capacho do Magneto. Ela na verdade é uma terrorista/justiceira e age de acordo com sua conveniência e suas próprias idéias. Seu poder torna impossível detectar sua idade com precisão, mas sabe-se que ela já deu a luz a três filhos (o mais famoso é Noturno) e é mãe adotiva de Vampira.

- Vampira e o Homem de Gelo nunca foram namorados. Vampira namora/é casada (depende da história) com Gambit. O Homem de Gelo nunca teve nenhum romance com uma mutante importante.

- Kitty Pryde e Colossus foram namorados nos quadrinhos.



- Anjo não é um aluno novato, mas sim um dos integrantes da equipe original dos X-Men, que era formada por ele, Ciclope, Fera, Jean Grey e Homem de Gelo. Wolverine, Colossus e Tempestade só entraram anos depois quando o grupo de mutantes foi reformulado.

- Magneto já foi líder dos X-Men. O evento, para muitos bizarro, aconteceu quando o professor Xavier foi para o espaço curtir exílio com sua noiva Lilandra, uma alienígena e imperatriz de Shiar. Os X-Men originais se recusaram a permanecer na equipe com Magneto à frente e formaram outro grupo denominado X-Factor.

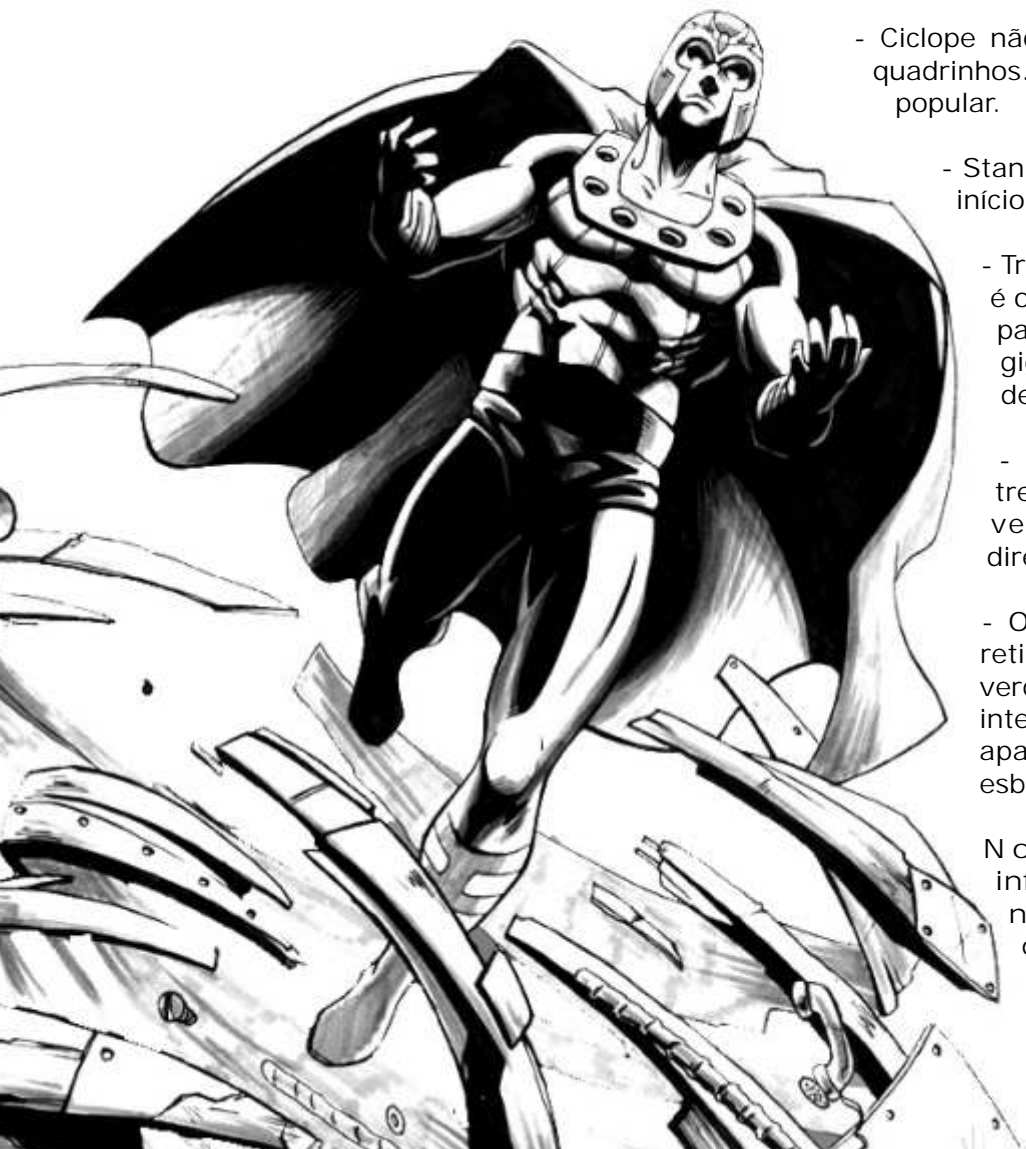
- No início, Wolverine era um dos personagens mais impopulares da série. Seu moral foi elevado graças a John Byrne, autor canadense da fase clássica dos X-Men ao lado de Chris Claremont. John não quis matar um conterrâneo e fez de tudo para que Wolverine se sagra-se um verdadeiro herói.

- Na cena depois dos créditos, mostra que Xavier saltou para um corpo catatônico antes de morrer. Esse tipo de ação não é exclusiva do maior dos telepatas e já foi feita nos quadrinhos por ele próprio, Jean Grey, Emma Frost, Psylocke e Cassandra Nova.

- Jean Grey nunca matou Ciclope, nem mesmo quando ela o flagrou pulando a cerca com Emma Frost. A mutante também nunca matou Xavier!

- Jean Grey pede para que Wolverine a mate durante a saga Fênix (assim como ela pediu no filme), mas ele não faz. No entanto o "Caolho" enfia suas três garras no abdômen de sua amada, anos depois, para popá-la de sofrimento quando a morte era eminente aos dois. Mas ao invés de matá-la, ele fez com que a força Fênix se manifestasse em toda sua plenitude.

- No duelo mental entre Charles Xavier e a Fênix, é o professor quem ganha. Ele conseguiu conversar com o lado mais humano da entidade cósmica e devolveu a sanidade de Jean Grey.



- Ciclope não é um personagem tão chato nos quadrinhos. Ele já foi, inclusive, o x-man mais popular.

- Stan Lee, criador dos X-Men, aparece no início do filme regando o gramado.

- Trask, um dos integrantes do governo, é o inventor do programa de sentinelas para extermínio de mutantes. (o robô gigante que o Wolverine abate na sala de perigo)

- A tecnologia usada para o treinamento na sala de perigo é, na verdade, alienígena, importada diretamente do império Shiar.

- O mutante careca que os cientistas retiram a matéria prima da "cura" é na verdade Leech, o Sanguessuga, um integrante dos morlocks. A verdadeira aparência dele é verde de olhos esbugalhados.

Nota Importante: essas informações são tiradas do curso normal e clássico das histórias dos X-Men. Bobagens como X-Men Millenium e etc são sumariamente descartadas e desconsideradas.

A FÊNIX HÁ DE SE ERGUER NOVAMENTE

um ensaio sobre Jean Grey

"Há certa paixão e verdade em suas palavras. Só ouvi isso uma vez em sua laia. Ainda assim, você transcende Wolverine" Peregrino

"Na escala evolucionária, Grey está para os humanos como eles estão para as amebas" O Vigia

"Jean realizou um pequeno passeio pela minha cabeça e deixou algumas coisas de pernas pro ar. Ela pode fazer isso, é bem mais que uma simples telepata. Enxerga através de nós e tem a pachorra de decidir se somos inocentes ou culpados, como um juiz e júri" Emma Frost

"O monstro morreu. Infelizmente o monstro era eu" Jean Grey

Wolverine pode ser o mais popular dos X-Men, mas ele não é o mais importante deles. Apesar dos filmes trazerem a impressão de que as coisas giram ao seu redor, nos quadrinhos, o terreno que vale, é um outro personagem que possui esse privilégio (ou seria maldição): Jean Grey. Também conhecida como Garota Marvel, Fênix e Fênix Negra, Jean fez parte da equipe original. Sua função na época era ser a garota da turma e namorada do líder Ciclope. Era alguém fadado ao esquecimento até a sua transformação em Fênix, que fez mudar tudo no universo dos mutantes.

A vida da ruiva começou problemática. Quando criança, ela e uma amiga brincavam em frente de casa, até que a menina foi atropelada. Jean acompanhou telepaticamente toda a agonia da garota até sua morte. Para evitar que ficasse louca por causa do trauma e da telepatia que não conseguia controlar, recebeu a ajuda do professor Xavier, que criou barreiras mentais na criança a fim de impedir que ela usasse seus poderes até ser madura o suficiente para controlá-los. Enquanto isso, foi aprendendo a desenvolver sua telecinésia (capacidade de movimentar objetos com a força da mente).

Entrou nos X-Men ainda adolescente e usava o codinome Garota Marvel. Sua história, nesse princípio, foi um tanto desinteressante. Tudo que ela fazia era ajudar os homens da equipe e ter o seu afeto disputado entre Anjo e Ciclope. Ficou com o último. Contudo, apesar de ser uma



mera coadjuvante, já mostrou uma característica que seria fundamental para entender a relação futura entre Fênix e Fênix Negra: seu gênio ruim. A namorada do líder era temperamental (não foi à toa que Wolverine se apaixonou). Outro ponto importante, é que mesmo Jean sendo a então mais fraca dos cinco, seu potencial era ilimitado.

Com o passar dos anos, sua telecinésia ficou mais forte e ela foi liberada para usar a telepatia. Na época da segunda formação do grupo, aconteceu a primeira aventura espacial. Jean, Wolverine e Xavier haviam sido raptados e levados para a órbita da Terra. Depois que a "cavalaria" chegou e resolveu um problema, outro maior estava por vir: o ônibus espacial estava danificado e era improvável que agüentaria a radiação solar até a reentrada. Foi quando Jean decidiu se sacrificar e pilotou o veículo enquanto os outros ficaram confinados na célula de segurança. Ela conseguiu levar a nave relativamente salva até cair na baía da Jamaica (Nova York).

Ela sobreviveu, mas a experiência a mudou. Das águas da baía ela emergiu como Fênix. Na "pele" da águia de fogo, Jean salvou o universo sozinha em aventuras posteriores. Porém, o mesmo poder que salva também pode corromper. Guiada por paixões e sentimentos conflitantes, a Fênix se transformou em Fênix Negra. Ela era o poder, mas sem controle, sabedoria ou maturidade. Sua insanidade e sede a fez consumir uma estrela e matou, por consequência, bilhões de seres vivos. Com a ajuda do professor, Jean recobrou o controle de suas emoções, mas o estrago que causou foi longe demais. Ela foi declarada uma ameaça espacial e condenada à morte pelo império alienígena Shiar. A Fênix ainda lutou por sua vida, mas quando percebeu que o seu lado negro perigava surgir outra vez, preferiu se matar.

Anos mais tarde, Jean voltou à vida com poderes normais. Aos poucos eles foram ficando maiores e maiores, até que um dia a Fênix retornou.

Os autores inventaram um angu bravo para justificar sua ressurreição, e seus infinitos perde/ganha de poder. Demorou décadas até Grant Morrison consertar a história. Disseram que na verdade a entidade cósmica Fênix clonou até a alma de Jean(!) e assumiu o seu lugar enquanto seu verdadeiro corpo se recuperava no fundo do mar. Grant disse que não era bem assim. Ele desenvolveu uma história brilhante onde Jean Grey e a entidade Fênix se fundiram em uma só, e ela tinha seus meios para promover a própria ressurreição toda vez que a "força cósmica" precisava emergir (e morrer). Hoje, a versão de Grant, por ser a mais mais palatável, é a que passou a ser usada pelos demais autores.

Tirando as eternas reviravoltas, teorias capengas e tudo mais, a verdade é que existe nos X-

Men um antes e um depois da Fênix/ Fênix Negra. Tudo passou a girar em torno de Jean e das seqüelas desses eventos. E ela corresponde, porque o personagem, além de querido, é um prato cheio para um estudo psicológico. Jean proporciona dezenas de possibilidades para os escritores.

Ao mesmo tempo em que é discreta e deixa o heroísmo para os outros, também é determinante. É o ponto de equilíbrio da equipe apesar de ser condenada ao eterno controle de si mesma. Às vezes é impulsiva, e são nesses momentos que mostra agressividade simples e direta. A mutante suave e amável, que sacrifica a si mesma em prol de um bem maior ou de quem ama, também é capaz de matar quando irritada. É uma figura humana, mas precisa abdicar da própria humanidade quando a força Fênix se manifesta. É íntegra, mas não é um exemplo. Assim como a ave mitológica, Jean representa o fim e o início de tudo que existe.

Esses são alguns dos elementos que a fazem ser um personagem amado. Outro fator importante para tal adoração é a águia de fogo que a acompanha. Ela faz Jean ser visualmente, um dos X-Men mais

interessantes. No momento, nos quadrinhos, Jean Grey está morta. Mas ninguém se preocupa muito com isso, porque a qualquer momento...



... a Fênix há de ser erguer novamente!